



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LETRAS**

**PROJETO DE PESQUISA
EM BUSCA DE FONTES PARA UMA
HISTÓRIA SOCIAL DO LATIM NO BRASIL**

JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO

SALVADOR-BAHIA, NOVEMBRO DE 2013



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LETRAS**

**EM BUSCA DE FONTES PARA UMA
HISTÓRIA SOCIAL DO LATIM NO BRASIL**

JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO

Projeto de pesquisa apresentado à
Congregação do Instituto de Letras da
UFBA para o período de dez.2013 a dez.
2016.

Por: José Amarante Santos Sobrinho

SALVADOR-BAHIA, NOVEMBRO DE 2013

Em busca de fontes para uma História Social do Latim no Brasil

José Amarante Santos Sobrinho

INTRODUÇÃO

Duas declarações que poderíamos chamar de recentes, dada a longevidade daquela que se converte em nosso objeto de estudo, a língua latina, servem-nos de mote para a apresentação deste projeto. Uma de 2005, de Orlando de Rudder, para quem “a língua latina está muito bem de saúde, para uma morta” (RUDDER, 2008, p. 10)¹; outra de Peter Burke, 1993, para quem, “embora declarado 'morto', o latim recusou-se a ser enterrado” (BURKE, 1995, p. 53)². Evidentemente, então, essas declarações nos direcionam à constatação de um bom momento do latim no final do século XX. Elas trazem consigo também a informação de um processo, de uma mudança de estado, o que nos faz montar uma imagem de “sobes” e “desces” na história da língua no mundo moderno.

Embora nossos interesses iniciais de pesquisa tenham nos direcionado para o entendimento dos usos do latim no século passado, conforme análises que propusemos em nossa tese de doutorado, buscamos, também, seguir algumas intuições para entender, através de diferentes pistas de fontes, alguns aspectos relacionados aos discursos, às práticas e às representações ligadas ao uso do latim no Brasil até o século XIX.

O presente projeto de pesquisa apresenta, então, uma tentativa de ampliação de nossos estudos sobre história social do latim no Brasil, reconhecendo as lacunas deixadas pelo trabalho de doutorado de nossa autoria, que resultou na tese intitulada *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção – discursos, práticas, representações*.

¹ Em tradução de Tiago Marques do livro *In vino veritas: Dictionnaire commenté des expressions d'origine latine*, de 2008.

² Em tradução de Álvaro Luiz Hattner do livro *The art of conversation*, de 1995.

PROBLEMA E HIPÓTESES

Em nossa tese de doutorado, mostrou-se produtivo o cruzamento entre os diversos tipos de fontes propostos por Castillo Gómez (2003) e os diversos domínios nos quais o latim se manteve empregado, conforme indicação de Peter Burke (1995). Evidentemente, o centramento nos discursos oficiais é empresa mais fácil, já que são textos de mais fácil localização. Apresentamos, contudo, além de fontes oficiais, outras fontes de discursos, de práticas e de representações que podem ser úteis em futuras pesquisas.

Em um dos capítulos de nossa tese, fizemos um levantamento razoável de ocorrências ligadas ao uso do latim no Brasil no período do monopólio da vertente religiosa no ensino. Certamente, apesar da tentativa de cobrir o máximo possível os principais registros de uso do latim, há sempre algo que fica de fora. Um levantamento mais exaustivo de obras do período certamente trará à luz novas questões, explicitará novos aspectos. Interessou-nos sobremaneira analisar os discursos em voga no período em que o latim chega ao Brasil junto aos portugueses, mas oferecemos desde já diversas possibilidades de análise de usos do latim e representações sobre a língua não apenas nos chamados textos oficiais, mas em textos literários e em obras de natureza biográfica.

Em um outro capítulo de nossa tese, adentramos o século XX, ouvindo o que nos dizem sobre a história do latim no Brasil os prefácios das obras didáticas. Para uma melhor compreensão dos discursos autorais deste domínio pedagógico/acadêmico, o levantamento e estudo das leis (domínio legislativo) que influenciaram a oferta do latim ao longo do século XX se mostrou produtora. A hipótese de que os discursos sobre a importância e a utilidade do latim sofrem a influência da legislação vigente se confirmou para todo o período em que a língua foi ensinada na educação básica. No período em que o estudo da língua se limita ao curso superior, esses discursos de esvaziam, já que a fase representa *grosso modo* uma reação acadêmica em relação ao ensino do latim, que se dá mais pela reflexão madura sobre o ensino da língua do que pelas paixões ligadas à necessidade de manutenção da língua no currículo³. Ainda

³ Não será necessário nos ater aqui a distinguir os cursos de estudos clássicos no Brasil que têm refletido de maneira madura sobre o ensino de latim daqueles outros cursos nos quais o ensino do latim ainda sofre a ausência de uma pedagogia crítica. Nossa pesquisa não se centrou nesse aspecto, e qualquer avaliação nossa aqui seria subjetiva, sem o trabalho empírico necessário.

assim, surgem obras que reeditam o discurso exagerado das “vantagens”, em meio a outras atrasadas pedagogicamente.

Nesses capítulos, experimentamos o desenvolvimento de um estudo a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da área da História da Cultura Escrita. Esperamos, com isso, promover a abertura de novos caminhos de pesquisa em nossa área, que se juntem aos já bem difundidos estudos sobre a recepção dos textos latinos entre nós, de forma que possamos, mais à frente, ter um melhor entendimento da história social do latim no Brasil.

Conforme já explicitamos, em nossa tese, deixamos uma lacuna na análise do período que vai de meados do século XVIII até o século XIX, razão pela qual, a partir deste projeto de pesquisa, buscaremos nos debruçar sobre obras que se situam nessa faixa temporal, e já estamos orientando trabalhos para um melhor conhecimento dos usos do latim no período.

Os trabalhos que nos propusemos a fazer para o período de pesquisa estabelecido neste projeto buscarão, pois, olhar para as fontes e buscar respostas para algumas inquietações, considerando o período não analisado em nossa tese: Que latim se leu no Brasil? Quem lia? Por que lia? O que se escrevia em latim? Quem e em quais contextos escrevia? Quem e como se ensinou o latim? Como entendemos seu processo de avanços e retrocessos enquanto objeto de estudo?

OBJETIVOS

GERAL:

- Desenvolver e apontar caminhos para uma *história social do latim no Brasil*, de forma a que possamos ter futuramente um conhecimento mais sistematizado sobre a história da leitura do latim no Brasil e as formas estabelecidas para a sua aprendizagem

ESPECÍFICOS:

- Levantar possíveis fontes para uma história social do latim no Brasil, fontes relacionadas aos discursos, práticas e representações sobre a língua;

Entender, pelo estudo das fontes selecionadas, como se configura histórica e socialmente a língua latina no Brasil;

- Analisar publicações metodológicas para a aprendizagem do latim, observando como se configuram e se estabelecem os discursos sobre a importância e a utilidade da língua.
- Analisar referências em latim e sobre o latim em textos do domínio jornalístico (séc. XIX).
- Analisar referências ao latim e/ou à cultura latina em textos literários brasileiros dos séculos XVIII e XIX.
- Compreender como se deu a recepção dos textos clássicos latinos no Brasil.
- Orientar trabalhos de Iniciação Científica e de Mestrado que busquem analisar os usos do latim no Brasil dos séculos XVIII e XIX.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS/ASPECTOS METODOLÓGICOS

Pensando com Castillo Gómez (2003), temos considerado, para a definição de fontes de pesquisa, as práticas, os discursos e as representações os elementos a serem observados. Deparamo-nos, então, com o problema das fontes. Castillo Gómez (2003, p. 108-116), num trabalho esclarecedor sobre história da cultura escrita, nos adverte que, para a compreensão do significado global do escrito, é necessário reconstruir as conexões entre as suas diferentes materialidades. Para ele, está assim posta a principal referência do que deve ser a história da cultura escrita:

“La conjunción de tres historias que habían avanzado em paralelo: la historia de las normas, de las capacidades y de los usos de la escritura; la historia de los libros o, más ampliamente, de los textos manuscritos e impresos (y electrónicos, habría que añadir ya); y la historia de las maneras de ler⁴. (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 108).

⁴ “A conjunção de três histórias que haviam avançado em paralelo: a história das normas, das capacidades e dos usos da escrita; a história dos livros ou, mais amplamente, dos textos

Para ele, então, na esteira da proposta de Roger Chartier (1999), são três as direções a se seguir para se fazer história da cultura escrita: o estudo dos discursos, das práticas e das representações. No quadro abaixo, tomamos as palavras de Castillo Gómez, de forma esquematizada (e traduzida), para que visualizemos em que consiste o estudo de cada um desses elementos e sobre quais tipos de fontes podemos nos debruçar para desenvolvê-lo:

Quadro 1 – Resumo dos conceitos-chave ligados à pesquisa em História da Cultura Escrita apresentados por Castillo Gómez

	O QUE SÃO	EM QUE FONTES
DISCURSOS	A doutrina ou ideologia que trata de regulamentar e sistematizar o funcionamento de uma sociedade. O discurso enquanto espaço e forma de poder, enquanto o conjunto de textos que a classe dominante ou as pessoas socialmente <i>autorizadas</i> produzem com o objetivo de ordenar as relações e práticas sociais. A cultura escrita é objeto de uma produção discursiva relacionada com os valores que se lhe atribuem em cada momento da história (p. 109).	Textos socialmente autorizados através dos quais se estabelece e se propaga uma determinada concepção da escrita e da leitura. Textos emanados das diferentes instâncias de poder produtoras de discursos: a política, o direito, a igreja, a academia, as gentes das letras ou os profissionais da escrita e do livro (p. 114).
PRÁTICAS	Testemunhos específicos em que se expressam os usos e funções atribuídas ao escrito (p. 110). As práticas corrigem a lógica dos discursos e situam a análise da cultura escrita no plano dos usos dados à mesma, das competências efetivas de escrever e de ler, e dos modos de pô-lo em uso (p. 111). A história da cultura escrita deve atender ao rastreamento e explicação dos gestos, das maneiras e dos lugares que emolduram cada uma das apropriações (p. 11-112).	Objetos escritos de caráter oficial ou privado, impressos, manuscritos ou eletrônicos, pintados (p. 114)
REPRESENTAÇÕES	Imagem que cada produção cultural, um quadro ou um livro, enuncia daquilo que representa (p.113). A representação que os indivíduos e os grupos revelam através de suas práticas e de suas propriedades “forma parte integrante de sua realidade social” ⁵ (p. 112)	Imagens que cada sociedade constrói a propósito dos temas e objetos da cultura escrita (p. 115)

Assim postos esses princípios, voltamos à questão da análise da cultura escrita no recorte que estamos propondo em relação ao latim. Desde já, esclarecemos que, quando falamos de cultura escrita, estamos nos referindo a um conceito amplo, que

manuscritos e impressos (e eletrônicos, teria que incluir já); e a história das maneiras de ler”. As traduções dos trechos citados neste trabalho são de nossa autoria.

⁵ Aqui, uma citação de Bourdieu, 1998, feita por Gómez.

não se refere apenas aos atos de escrever. Por cultura escrita, entendemos as relações entre eventos, tempos, pessoas, suportes e textos escritos, o que inclui as atividades ligadas tanto à produção do objeto escrito, quanto à recepção e conservação. Em outras palavras, poderíamos revisitar Castillo Gómez (2003, p. 96) quando se refere à cultura escrita como “un fenómeno lleno de matices, objeto de distintos puntos de vista”⁶ cujo estudo inclui:

saber por qué razones se ha hecho uso de la escritura en cada momento y sociedad, conocer la distribución de las capacidades de escribir y de leer, las materialidades de lo escrito, y los distintos lugares, espacios y maneras en los que se há experimentado su recepción y apropiación, en fin, las prácticas de la escritura y de la lectura, es una forma de hacer historia cultural.⁷ (*idem, ibidem*)

Com esses conceitos agora mais delineados, esboçamos alguns nortes iniciais sobre a forma como estamos entendendo esses princípios em relação à cultura escrita do latim no Brasil. Consideram-se, também, na definição das possíveis fontes, os três domínios linguísticos principais sugeridos por Burke (1995) em que o latim foi empregado na Europa pós-medieval: o domínio eclesiástico, o acadêmico e o pragmático. Para efeito, então, de definição de fontes, estamos considerando o cruzamento (fontes x domínios) entre as propostas de Chartier (1999) e Castillo Gómez (2003) e as de Burke (1995), conforme se vê, no quadro que se segue, em que se consideram as especificidades do latim:

Quadro 2 - Fontes x domínios

	DOMÍNIO ECLESIÁSTICO	DOMÍNIO ACADÊMICO	DOMÍNIO PRAGMÁTICO
Fontes dos DISCURSOS sobre o latim no Brasil	os documentos normativos da Igreja, as suas determinações e sua relação com a história do ensino da língua e com a manutenção ou exclusão de determinadas práticas	as leis e diretrizes que regulamentavam o ensino do latim, as indicações dos programas de leitura e das modalidades de textos, as teses e publicações acadêmicas sobre o ensino da língua, sobre a seleção dos textos, os prefácios de obras didáticas em que se discutem a importância e a utilidade de se aprender o latim	textos de diferentes gêneros que apresentem e discutam diferentes usos pragmáticos do latim no Brasil

⁶ “um fenômeno cheio de matices, objeto de distintos pontos de vista”

⁷ “Saber por que razões se têm feito uso da escrita em cada momento e sociedade, conhecer a distribuição das capacidades de escrever e de ler, as materialidades do escrito, e os distintos lugares, espaços e maneiras nos quais se há experimentado sua recepção e apropriação, enfim, as práticas da escrita e da leitura, é uma forma de fazer história cultural”

	DOMÍNIO ECLESIAÍSTICO	DOMÍNIO ACADÊMICO	DOMÍNIO PRAGMÁTICO
Fontes das PRÁTICAS do latim no Brasil	documentos normativos da Igreja que explicitem diferentes tipos de práticas ligadas ao latim no Brasil; cartas de jesuítas; publicações da Igreja	os métodos de latim com/sem anotações e indicações de leitura; observação das pistas de não leitura de livros; análise do número de edições de cada obra, dos comentários sobre obras impressos nos próprios livros; as versões <i>ad usum</i> dos textos; as propagandas de livros nas edições; recepção dos textos clássicos ⁸	textos de diferentes gêneros que apontem usos pragmáticos do latim e não apenas o latim como língua de estudo
Fontes das REPRESENTAÇÕES ⁹ sobre saber latim no Brasil	documentos normativos da Igreja ou cartas de membros que explicitem algum juízo de valor sobre o saber/não saber latim	textos literários em que se possa perceber algum tipo de valoração sobre o «saber latim»; textos em capítulos de livros metodológicos ou em prefácios de obras em que se trata “das utilidades” e “da importância do latim”, observando as representações de sociedade e de formação veiculadas	textos de jornais, de diferentes épocas, em que se utilizam referências a pessoas, com juízo de valor sobre o saber/não saber latim

Em busca de fontes, o andar dos trabalhos

Em pesquisas realizadas a partir de nosso projeto de doutorado, tem sido desenvolvidos, sob nossa orientação, trabalhos de IC cujo foco é a localização e interpretação de referências ao latim em obras dos diferentes domínios propostos por Burke: o eclesiástico, o acadêmico e o pragmático, e em diferentes tipos de fontes, de acordo com as propostas por Chartier (1999) e Castillo Gómez (2003).

Situando seu estudo na análise de discursos gramaticais anteriores ao período da colonização portuguesa no Brasil e numa tentativa de observar os discursos sobre a língua latina nas primeiras gramáticas do português (considerando que essas

⁸ Cf., por exemplo, o livro *Permanência Clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana*, organizado por Brunno V. G. Vieira e Márcio Thamos (2011); e o trabalho *A Biblioteca latino-portuguesa de Machado de Assis*, de Brunno V. G. Vieira, no livro *Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo*, organizado por José Amarante e Luciene Lages (2012).

⁹ Castillo (*op. cit.*, p. 112-115) apresenta seu conceito e as possíveis fontes de *representações*. Contudo, embora considere esse estudo “a parte mais succulenta do pastel”, não apresenta muito exemplo de fontes. No desenvolvimento de nosso estudo, pretendemos desenvolver melhor esse conceito e suas fontes

gramáticas são publicadas pouco depois do início da colonização), Sara Bernardo se debruçou na análise das gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540). A tarefa de recuo no tempo se nos impôs com vistas a analisar aspectos silenciosos das relações entre o latim e o vernáculo em terras brasileiras, que culminam com o alargamento dos usos e importância do vernáculo e com a perda de vitalidade e autonomia do latim.

Nos primeiros momentos de implantação do latim no Brasil, sua convivência com o vernáculo, numa espécie de equilíbrio diglótico (MAIA, 2010, p. 31), se dá com diferentes posturas de valoração: o latim como língua de cultura e erudição e o vernáculo como língua cotidiana e dos usos informais de comunicação dos portugueses, já que a necessidade de aprendizagem das línguas indígenas se tornou imperativa para o trabalho colonizador. Em 1549, data em que ocorre a chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil, o vernáculo português está em seus primeiros momentos de standardização, com a edição de suas primeiras gramáticas, a de Fernão de Oliveira (1536, *Grammatica da lingoagem portuguesa*) e a de João de Barros (1540, *Grammatica da lingua portuguesa*). Segundo Maia:

entre o início do séc. XIII e as primeiras décadas do século XVIII, a língua completou os quatro critérios ou atributos porpostos por William Stewart para o estabelecimento de uma tipologia sociolinguística das línguas: a standardização, a autonomia, a historicidade e a vitalidade (2010, p. 29).

Nas relações que se estabelecem entre o latim e o português, observam-se diferentes pesos a cada um desses atributos no correr do tempo, o que culminará com maior vitalidade do português e menor do latim

Quadro 3 - Comparação entre os comportamentos do latim e do português nos quatro atributos para o estabelecimento de uma tipologia sociolinguística das línguas

	1ª etapa		2ª etapa	
	latim	português	latim	português
standardização	+	-	+	+
autonomia	+	-	-	+
historicidade	+	-	+	+
vitalidade	+	-	-	+

A leitura do quadro nos permite observar que, na medida em que o latim perde em autonomia, perde em vitalidade, ocorrendo o oposto em relação ao português. O processo que se observa é resultado de um conjunto de fatores intra e extra-linguísticos

que, trabalhando em conjunto, mapeiam novas configurações dos usos dessas línguas em nosso território. De um lado, o vernáculo português, numa primeira etapa desprovido de standardização, e de outro, o latim, a língua de cultura historicamente situada. Após a primeira aplicação, em 1447, da imprensa no continente europeu, o vernáculo terá sua ortografia fixada e a própria língua a partir dos trabalhos dos gramáticos que mencionamos. Segundo Maia (2010), a dualidade “latim - “vulgar”, durante o Renascimento:

“converteu-se em duas atitudes, não antagônicas, mas complementares, que definem as duas directrizes mais importantes deste momento histórico: por um lado, a continuação da restauração da pura latinidade, a recuperação da *latinitas*, e do latim da antiguidade, distinto do latim escolástico e medieval e, por outro lado, a afirmação e a dignificação do idioma “vulgar”. (MAIA, 2010, p. 32)

Seguindo as leituras de Maia (2010), então, Sara Bernardo (2011/2012), sob nossa orientação, buscou observar as relações simbólicas de poder estabelecidas por estes gramáticos nas comparações desenhadas por eles entre o latim e o vernáculo. Seu objetivo, na esteira do que estamos propondo, foi observar quais são os discursos gramaticais vigentes à época em que os jesuítas chegam ao Brasil e quais representações sobre latim e vernáculo se desenhavam nesses discursos.

O impacto da gramatização dos vernáculos, de sua standardização, e da crescente atividade de imprensa fará com o que o latim se circuncreva a alguns domínios específicos, em cada um dos quais variando, ampliando ou rarefecendo seu uso. Burke (1995, p. 77) faz suscitar “várias questões sobre o tipo de latim que era escrito e falado na Europa pós-medieval, e sobre a geografia, sociologia e cronologia de seu uso”. Nesse sentido, conforme vimos, apresenta três domínios nos quais o latim se manteve empregado: o eclesiástico, o acadêmico e o pragmático (diplomacia internacional). Em relação a nós, conforme propõe o projeto *Em busca de fontes para uma história social do latim no Brasil*, temos nos dedicado a analisar diferentes tipos de documentos que nos permitam fazer um esboço de uma possível história social do latim. Os dados que aqui apresentamos são parciais e representam os primeiros momentos de uma busca de fontes para estudo. Discutiremos, na sequência, alguns deles.

Podemos, em alguma medida, nos referir a um latim pragmático nos primeiros momentos da colonização no Brasil. Num contexto, com a presença de portugueses, espanhóis e, mais tarde, de holandeses, é possível que, de alguma forma, o latim

pudesse ser uma língua para algum tipo de comunicação. Observa-se, então, um convívio e a eleição de uma língua, o latim, ou outra o vernáculo ou a língua local, a depender dos objetivos de uma determinada interação.

Uma situação interessante dos diferentes acessos e usos do latim aparece na obra de Gaspar Barléu: *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau etc*, escrita em latim, em 1647, por encomenda do próprio Nassau. Barléu, às páginas 206-207, narra uma situação de interação entre holandeses e portugueses em que o uso do latim tinha função estratégica. Numa tentativa de apaziguamento, as partes (portugueses e holandeses) tentam um acordo, mediado, estrategicamente, pelo latim. A indicação do uso latim pelos holandeses nos pactos tinha como objetivo não serem enganados em português pelos portugueses, o que equivale a dizer que, entre os holandeses presentes no Brasil à época, o maior domínio era o da língua latina e não o do português:

Não se opôs o vice-rei, Marquês de Montalvão, às justas pretensões do Conde, e, dados mútuos reféns, **entraram as partes em acordo**. Pelo Conde foram mandados como reféns ao Marquês o tenente-coronel Henderson e o coronel Day e pelo Marquês ao Conde, o português Martinho Ferreiro e o espanhol Pedro de Arenas. [...] Determinou-se-lhes que **usassem nos pactos o latim para não os enganarem os portugueses** com as palavras da sua língua (p. 207). [Grifos nossos]

Mas os domínios em que o latim se manterá no Brasil por um longo período são o eclesiástico e o acadêmico. Discutindo o funcionamento das primeiras manifestações teatrais no Brasil, no período jesuítico, Serafim Leite (1938, p. 600) reconhece que, apesar das normas que exigiam o uso do latim, a tragédia do *Rico Avaro e Lázaro Pobre* deve ter sido em português. Segundo ele, “se fosse em latim, não se explicariam as conversões retumbantes, que produziu, e o agrado de todos”. Na visão de Serafim Leite, as peças escritas em latim só vão aparecer mais tarde, como aplicação escolar dos estudos humanísticos, tendo sido a preferência inicial por peças em português, tupi e castelhano, o que justificaria, a seu ver, a ausência do tema *representações* nas correspondências do fim do século (XVI), uma forma de não mostrar a desobediência às normas romanas, e uma desobediência fruto da dificuldade de pô-las em prática. Em relação ao Brasil, no que diz respeito à norma que exigia o uso do latim nas representações, Serafim Leite, utilizando dados do *Archivum Societatis Iesu – Lusitania*, cita um pedido do P. Visitador Cristóvão de Gouveia, de 6 de setembro de 1584

(período em que o *Ratio Studiorum* está sendo desenhado), no sentido de que se “adoçasse a regra do latim e se fizessem as representações, ao menos em parte, na língua portuguesa”, de forma a garantir o entendimento e não ser “um desconsolo para os ouvintes”. Para Serafim Leite, até 1584 as representações foram em português e não tinham inicialmente caráter pedagógico. Em resposta ao pedido de Cristóvão de Gouveia, contudo, o P. Geral aceitou o uso do vernáculo nos *Diálogos*; em relação às tragédias e comédias, a resposta foi negativa, por serem, segundo a citação de Serafim Leite da resposta do P. Aquaviva “coisas mais escolásticas e graves”.

Ao menos para dar conhecimento à sede romana da obra missionária, o latim foi a língua oficial, ainda que a regra das Constituições da Companhia de Jesus indicassem a necessidade de uma cópia no vernáculo:

Para que as notícias da Companhia possam comunicar-se a todos, proceder-se-á da seguinte maneira: os que em diversas casas ou colégios dependem do Provincial **escreverão todos os quatro meses uma carta em língua vernácula, que contenha só notícias de edificação, e outra em latim do mesmo teor.** (*Constituições*, 675 M, p. 211) [Grifos nossos]

Com a estandardização do vernáculo português e com o surgimento de obras impressas já na língua, o latim vai perdendo em vitalidade, mas ainda mantém uma influência, fruto do fato de ser a língua de cultura, de erudição.

Em autores literários do período, podem ser observadas influências do latim como língua de escrita poética. São escritores brasileiros que, após estudos iniciais em nossas terras, se dirigem a Coimbra para cursos superiores. Ou seja, escritores que tiveram contato com a pedagogia jesuítica e, portanto, com o currículo jesuítico proposto no *Ratio Studiorum*. Nosso objetivo aqui é, indiciariamente, mostrar alguns usos do latim no período e possíveis representações sobre os utentes da língua.

Em introdução ao *Florilégio da poesia brasileira*, Varnhagen (1850, p. xxx) assim se pronuncia sobre a educação jesuítica e a formação intelectual do país:

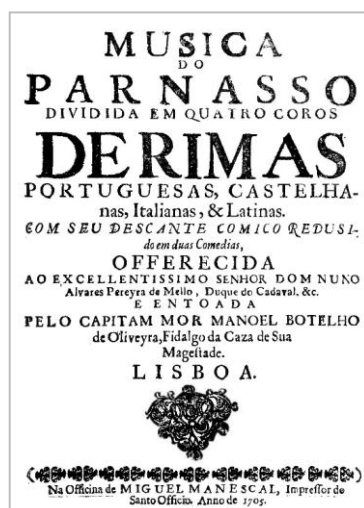
Mês voltando aos tempos em que deixámos as letras e a poesia entregues aos desvelos dos Jesuitas: é, sem dúvida, que dos collegios destes que se haviam apoderado da instrução da mocidade saíram os primeiros humanistas, e os primeiros poetas que produziu o Brazil.

Certamente, dado o acesso à língua e a valorização dela nos colégios jesuíticos, alguns desses poetas também produziram obras em latim, ou deixaram, em poemas

em vernáculo, suas representações sobre a língua ou sobre os que dela se utilizavam, na fala ou na escrita.

Centremo-nos, por um momento, em alguns dos poetas de formação jesuítica. Manuel Botelho de Oliveira, poeta baiano que viveu entre os anos de 1636 e 1711, deixou-nos a obra *Música do Parnaso*. Plurilingue, a obra está “dividida em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante cómico reduzido em duas comédias” (GAMA, 1914, p. 23).

Figura 1 – Frontispício do livro
Música do Parnaso de Manoel Botelho de Oliveira. Lisboa, 1705.



Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br>

Destacamos Botelho de Oliveira como o primeiro brasileiro que conseguiu mandar ao prelo um volume de poesias, ou seja, o primeiro brasileiro a ter publicado um livro ainda em vida, numa época em que não havia imprensa no Brasil. Daí a sua publicação em Portugal de *Música do Parnaso*, escrita, como vimos, em quatro línguas: português, castelhano, latim e italiano (ATAS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL/ITÁLIA: Vanguardas, 2001, p. 21).

Observando as representações do latim ou do saber latim nos direcionamos agora a um contemporâneo de Botelho de Oliveira: Gregório de Matos. Bernal (2011/2012 e nestes *Anais*), investigando as representações sobre o saber latim em obras literárias, apresenta algumas reflexões sobre as representações do latim na obra de Gregório de Mattos, apontando, além das referências que se seguem, outros usos em que a cultura clássica como um todo se faz presente, fruto de sua formação humanística.

Gregório de Matos (1633 – 1696) terá como alvo de sua sátira não apenas os letrados da terra, mas também os chegados de Portugal, caracterizados como “papagaios”, “asnos”, “nescios” (HANSEN, 2004, p. 472), como é o caso da “crítica ao doutor Antônio Rodrigues da Costa, Cavaleiro do Hábito de Cristo, chegado de Portugal com um vestido verde e canhões de veludo, aborrecido por mau letrado e por jurista intruso” (*Idem, ibidem*), que papagaia num “arremedo de latim”:

Casus est iste, dizeis,
reverente: é grão Latim!
dissera um vilão ruim
tirado ant’onte das cabras
tais latins, nem tais palavras?
vá lavar-se ao mar Euxino
o latim do Calepino,
e o do Padre Manuel Abrás. (OC, III, p. 718)

Vê-se já aqui, nesse período, conforme está em Hansen (*ibidem*, p. 473) o fato de fazer mau uso do latim, de desconhecê-lo, converter-se em objeto de sátira:

Ó lacaio alatinado,
ó macarrônico ilustre,
ó jurista balaústre
ao machado torneado. (OC, III, p. 718)

O mesmo ocorre numa crítica que encontramos ao vigário Antonio Marques de Perada, com presunções de sábio e engenhoso:

Este Padre Frisão, êste sandeu
Tudo o demo lhe deu, e lhe otorgou,
Naõ sabe musa musae, que estudou,
Mas sabe as ciências, que nunca aprendeu.
(OC, II, p. 286) [Grifo nosso]

Pela citação de Gregório, seria *musa, musae* o paradigma de então para a memorização da 1ª declinação? Seria o que para as propostas pedagógicas mais tradicionais de hoje é a declinação de *rosa, rosae*? Ou, antes, seria uma forma de ironia, mostrando que o padre mal manejava o latim, que desconhecia até a 1ª declinação e, dadas as possíveis pretensões poéticas do padre, que não era exímio na arte do verso, pela referência à figura da *musa*?¹⁰

¹⁰ Conforme leitura proposta por Milton Marques Júnior, por ocasião da defesa de nossa qualificação para o doutorado, com a qual concordamos.

Gregório também se utiliza do latim, língua com que identifica membros da igreja, para fazer sua sátira:

Verá na realidade
aquilo, que já se entende
de uma puta, que se rende
às porcarias de um Frade:
mas se não vê de verdade
tanto lascivo exercício,
é, porque cego do vício
não lhe entra no oculorum
o secula seculorum
de uma puta de ab initio.
(OC, II, p. 338) [Grifo nosso]

No uso do latim pode, inclusive, rever a terminação de um nome português para fazer a galhofa com rima:

De fornicário em ladrão
se converteu **Frei Foderibus**
o lascivo **em mulieribus.**
(OC, II, p. 324)

Além de Gregório, Sacramento Blake (1893), às páginas 306 e 307, do 2º volume de seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro* cita seu irmão Euzebio de Mattos (posteriormente Frei Euzebio da Soledade), que estudou humanidades no colégio dos jesuítas, tendo Vieira por seu mestre de filosofia. Apesar de não elencar obras suas em latim, cita Barbosa Machado, em sua *Bibliotheca Luzitana*, que se refere ao irmão de Gregório como “**poeta vulgar e latino**, cujos versos eram tão discretos, como elegantes” (grifo nosso).

Sílvio Bernal (2011/2012), investigando as representações sobre o saber latim em obras literárias, apresenta algumas reflexões sobre as representações do latim (e do saber latim) na obra de Gregório de Mattos e de Machado de Assis, apontando, além das referências já mostradas por nós laudas atrás, outros usos em que a cultura clássica como um todo se faz presente, especialmente em seu trabalho a partir de obras de Machado de Assis (BERNAL, 2012).

Trabalhando a partir de dados do século XIX, Camila Ferreiro (2011/2012), com foco nos usos e representações do latim em textos jornalísticos, analisa as primeiras edições do periódico carioca “A semana”, lançado em 1885, em que figuras de destaque apareciam, entre elas, Machado de Assis. Em seu trabalho, destacam-se as seguintes ocorrências: usos estilísticos do latim, normalmente em fechamentos de

textos, usos em contextos científicos e em contextos literários. Observando os anúncios de professores particulares nos classificados, detecta, também, a ausência da oferta do latim. Nesse sentido, observa a frequente oferta de aulas de inglês, francês e português.

A partir das considerações de Burke (1995, p. 52) sobre os três domínios principais nos quais o latim permaneceu empregado, Ferreiro conclui, na leitura do periódico *A Semana*:

- i) Ainda no Século XIX, no Brasil, o emprego do latim permanecia, pelo menos, no domínio acadêmico;
- ii) A ascensão da França e da Inglaterra no cenário mundial pós Revolução Industrial, invadiu o espaço deste domínio da Língua Latina, rareando cada vez mais o seu emprego;
- iii) Esses usos representam a classe instruída da sociedade, haja vista a elaboração da linguagem e os nomes de prestígio que colaboram com o periódico (Machado de Assis, Aloízio de Azevedo e Artur Azevedo).

Ainda na procura de fontes para uma história social do latim no Brasil, Daniele Leitão (2011/2012) se dedica a observar as ocorrências para “sabia latim” nas páginas da ferramenta de busca Google, com a extensão “.br”. Em seu trabalho, observou uma tendência ao destaque de usos do saber latim a grupos minoritários. Para Leitão, “o latim também era uma língua extremamente exclusivista, de apenas um gênero: o masculino, por ser considerada uma língua de difícil compreensão”. Destacam-se, em seu trabalho, as seguintes ocorrências: “O bandido que sabia latim”, “A mulher que sabia latim” e “Arquivo revela que Zumbi sabia latim”. O primeiro, apesar de se tratar de uma biografia do poeta Paulo Leminski, traz no título a referência ao biografado como *bandido*. Segundo Leitão,

há uma inversão de sentidos quando se usa a palavra *bandido* com um qualificativo restritivo ligado ao saber latim, pois como pode um bandido saber latim, se o que imaginamos como bandido se encontra às margens da sociedade?

Outra ocorrência analisada por Leitão diz respeito ao livro *Mulher que sabe Latim*, de Mario Neme, que foi publicado no ano de nascimento de Leminski (1942). O título do livro faz referência a um provérbio português que diz: “Mula que faz Him! e mulher que sabe latim, raras vezes tem bom fim.” Entre as várias versões para o provérbio, encontram-se:

Mulher que fala latim e burra que faz “him!” sai-te para lá meu cavalim.

Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz "im".
Mulher que fala latim, burra que faz "him!" e carneiro que faz "mé!",
libera nos et dominé.
Pedros, burros velhos, terras por cima de regos, burra que faz "him!".

Segundo as pesquisas de Leitão:

o provérbio surgiu a partir da opinião expressada no séc. XVII por D. Francisco Manuel de Melo, alertando sobre o latim e a sua periculosidade, tornando a aprendizagem da língua totalmente desaconselhada às mulheres, pois envolto ao saber latim estão outros saberes que as mulheres não podiam dominar. O latim traz poder para a mulher do conto de Mário Neme, pois ela não era como as outras esposas da sua época, subservientes ao seu esposo.

Destaca-se, ainda, nas análises de Leitão, a ocorrência numa edição especial comemorativa dos 500 anos do Brasil, intitulada *Histórias do Brasil: "Arquivo revela que Zumbi sabia latim"*, que está registrada numa reportagem de Aureliano Biancarelli, da revista *Folha Online*. Para Leitão, um dos diversos pontos de vistas para a narração da história de Zumbi na reportagem está relacionado ao latim, para talvez explicar o grande chefe que se tornou no séc. XVII. O site nos revela que o *Rei dos Palmares* fora batizado com o nome de Francisco e educado pelo padre Antonio de Melo. Segundo ele, a criança "mostrou engenho jamais imaginável na raça negra". E continua: "quando cumpriu dez anos, já conhecia todo o latim que há mister, e crescia em português muito a contento." Segundo Leitão,

os documentos que sustentam a tese dizem respeito às cartas escritas pelo Padre Antonio de Melo e roubadas da Condessa de Schonborn, 65, nascida Graziela de Cadaval, nas quais podemos imaginar Zumbi nos seus tempos de menino. O latim, em sua representação de supralíngua, no contexto da reportagem, aparece para justificar a inteligência, a precisão, o cálculo e o crescimento de um dos maiores líderes da classe negra na sociedade do século XVII.

Outro trabalho que vem sendo desenvolvido nessa linha, sob nossa orientação, é o de Shirlei Almeida (2011/2012), que analisa os discursos sobre a importância do latim em prefácios de obras metodológicas para a aprendizagem da língua. Seu trabalho busca observar se há mudanças na perspectiva discursiva sobre a importância do latim à medida que a língua deixa de ser obrigatória nas escolas por força de lei. Assim, analisa obras publicadas a partir da publicação da LDB 4024/61, cujos atos adicionais tornam facultativo o ensino do latim na educação básica, e a LDB 9394/96, cujos atos adicionais facultam o ensino do latim no ensino superior. Ao lado de obras

que não se apegam ao discurso da importância, Almeida observa os exageros que surgem para explicar a utilidade do latim, como os "Dez ótimos motivos" apresentados por Marcos Almeida em seu recente método de latim (2011, p. 20-22):

1. Aprender o significado original das palavras, de forma **fácil e divertida**.
2. **"Falar bonito"**.
3. **Facilitar o aprendizado de línguas modernas** (alemão, russo, húngaro etc.).
4. Entender a civilização atual.
5. Para estudar, compreender e analisar as demais línguas, inclusive as primitivas.
6. **Combater o envelhecimento cerebral e as demências senis (Mal de Alzheimer)**.
7. Possibilitar a leitura no original de grande parte do tesouro cultural da humanidade (Virgílio, Horácio, Cícero etc.).
8. Facilitar o entendimento de termos técnicos e científicos, que, em sua maioria, são oriundos do latim.
9. Aumentar o conhecimento, alargar o horizonte de compreensão, aperfeiçoar o senso crítico.
10. **Sair da rotina. Conhecer gente diferente.**
(2011, p. 20-22, grifos nossos)

Almeida observa, na análise de prefácios, a manutenção discursiva de estereótipos resistentes do latim como a supralíngua, em declarações do tipo: 'Latim é ótimo para se aprender o português e outras línguas modernas', 'é uma língua difícil, inacessível e complexa', 'desenvolve o raciocínio lógico', 'amplia o saber, o conhecimento' etc. Conclui Almeida, observando alguns exageros:

Surgem também excessivas utilidades atribuídas ao estudo de latim, que passa a servir para quase tudo: 'Se divertir'; 'Sair da rotina'; 'Falar bonito' entre outros usos, ao que se pode concluir: na atualidade, o latim não é útil para o quê?

Algumas considerações sobre os trabalhos que vem sendo desenvolvidos no âmbito do projeto

Tomando por base as pesquisas feitas por Peter Burke para a Europa pós-medieval, esboçamos algumas considerações sobre usos e representações do latim no Brasil. Burke nos fala sobre a ironia que se observa no desenvolvimento dos vernáculos e a perda de vitalidade do latim. Para ele:

a língua morta 'latim' teve que ser empregada, ironicamente, para expressar novas idéias, devido à falta de termos abstratos na maioria

dos vernáculos europeus. A ascensão gradual do vernáculo nos séculos XVI e XVII como a língua dos tratados científicos foi associada à sua latinização; novas palavras tinham que ser cunhadas, e elas normalmente derivavam do latim (1995, p. 79)

Na sátira feita aos padres e demais pessoas do clero por Gregório de Matos (BERNAL, 2011), observamos as mesmas considerações feitas por Burke em relação ao latim da Europa pós-medieval, ao se referir ao chamado *latim macarrônico* (nome devido a uma paródia a esse “latim grosseiro” pelo monge humanista Teofilo Folengo – poema *Liber Macaronices*, 1517), que “foi objeto de sátira, um símbolo da ignorância do clero tradicional e um meio para a sátira, próximo ao vernáculo direto, coloquial, terreno” (BURKE, 1995, p. 81).

Burke também destaca os casos surpreendentes de homens de classe baixa que sabiam latim sem os contatos que tinham as classes altas (1995, p. 85), como foi o caso levantado por Leitão em relação a, por exemplo, Zumbi dos Palmares. Observou-se também, nas pesquisas por nós orientadas, o vazio centre a cultura de elite, e de uma elite masculina, e a cultura popular (BURKE, 1995, p. 87). Além disso, assim como Burke, detectamos também a exclusão das mulheres da alta cultura, o que se ampara no fato de ter existido entre nós provérbios que destacam os perigos de uma mulher saber latim, um deles refletido em um conto que dá nome ao livro *Mulher que sabe latim*, de Mário Neme. Vale para nós, no Brasil, certamente, o que afirma Burke, quando nos lembra que “o declínio do latim no século XVIII certamente está associado à ascensão de um público leitor feminino, de maneira quase simultânea e basicamente nos mesmos lugares” (1995, p. 87). Mas essa questão carece de pesquisa maior.

Observa-se, ainda como Burke verificou para a Europa pós-medieval, o uso do “latim para sobreviver” e o “latim para impressionar” (p. 87), um sinal de distinção. Segundo ele, “o latim era amado e odiado, não apenas por aquilo que facilitava ou dificultava, mas também por suas associações, por aquilo que simbolizava” (p. 88). Bernal (2012), sob nossa orientação, se dedica a observar as representações sobre o *saber latim* relacionadas a personagens das obras de Machado de Assis, detectando os mesmos aspectos observados por Burke em seu contexto de estudo.

CRONOGRAMA

Quadro 4 – Cronograma

ETAPAS	2013.2	2014.1	2014.2	2015.1	2015.2	2016.1
Definição de fontes para o estudo do latim no Brasil do séc. XVIII	x	x	x			
Estudo de fontes para o estudo do latim no Brasil do séc. XVIII	x	x	x			
Definição de fontes para o estudo do latim no Brasil do séc. XIX		x	x	x		
Estudo de fontes para o estudo do latim no Brasil do séc. XIX			x	x		
Escrita de um volume intitulado “Esboço para uma história social do latim no Brasil”				x	x	
Revisão dos materiais produzidos						x
Encaminhamento dos materiais para publicação						x
Apresentação de trabalhos em congressos		x		x		x
Orientação de IC	x	x	x	x	x	x
Orientações de Mestrado			x	x	x	x
Escrita do Relatório de pesquisa						x
Encaminhamento do relatório de pesquisa à Congregação						x

REFERÊNCIAS

A SEMANA. Periódico. Anno I. N^os 1 a 10. Director Valentin Magalhães. Rio de Janeiro, 1885.

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura)

ALMEIDA, Marcos. *Latim para todos*. 1. ed. 3. reimp. Aracaju: Edição do Autor, 2011.

ALMEIDA, Shirlei Patrícia Silva Neves. *As representações da importância e da utilidade do latim presentes em prefácios de obras metodológicas contemporâneas*. Trabalho apresentado no Seminário

Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em <http://www.sepesq2011.ufba.br/>, na aba *Anais*.

ALMEIDA, Shirlei. A LDB 4.024, de 1961, e sua influência nas representações da importância e da utilidade do latim em livros didáticos. In: OLIVEIRA, Raul Oliveira; AMARANTE, Jose; LAGES, Luciene (orgs.). *Anais - I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em www.classicas.ufba.br.

AMARANTE, José e LAGES, Luciene (orgs.). *Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo*. Salvador: UFBA, 2012.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.

ATAS DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL/ITÁLIA: *Vanguardas*. São Paulo: FFLCH/USP/Ateliê Editorial, 2001

BARLÉU, Gaspar [1647]. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau etc.* Trad. e anotações de Cláudio Brandão. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940.

BARROS, João de [1540]. *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. (ed. M.L.C. Buescu) Lisboa: Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, 1971. Transcrição Z.O.N. Carneiro (PROHPOR). Corpus Histórico do Português Tycho Brahe. Versão Editada (a partir de texto-fonte com ortografia original)

BERNAL, Sílvio Weslei Rezende. *O uso e as representações do latim na obra de Gregório de Matos*. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em <http://www.sepesq2011.ufba.br/>, na aba *Anais*.

BERNAL, Sílvio. Análise dos usos e influências do latim na construção dos contos e romances de Machado de Assis. In: OLIVEIRA, Raul Oliveira; AMARANTE, Jose; LAGES, Luciene (orgs.). *Anais - I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em www.classicas.ufba.br.

BERNARDO, Sara. *O caso da Grammatica de João de Barros*. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em <http://www.sepesq2011.ufba.br/>, na aba *Anais*.

BERNARDO, Sara. O latim e o vernáculo no século XVI: o caso da *Grammatica* de João de Barros. In: OLIVEIRA, Raul Oliveira; AMARANTE, Jose; LAGES, Luciene (orgs.). *Anais - I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em www.classicas.ufba.br.

BIANCARELLI, Aureliano. *Arquivo revela que Zumbi sabia latim*. In: Revista *Folha on line*, especial Brasil 500 anos. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/zumbi_13.htm. Acesso em 05 de junho de 2012.

BOTELHO DE OLIVEIRA, Manuel (1705/2005). *Música do Parnaso*. A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira por Ivan Teixeira. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Botelho (1636 - 1711). Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01363600>

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita. Ideas para el debate. In.: *Revista Brasileira de História da Educação*. Dossiê "O Público e o Privado na Educação Brasileira". Campinas/SP: SBHE/Autores Associados. Jan/jun 2003, nº 5.

CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas: discurso, práctica, representación*. Cuadernos de trabajo nº 2. Edición de Isabel Morant Deus. España, Valência: Fundación Cañada Blanch, 1999.

CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS E NORMAS COMPLEMENTARES (1997). São Paulo, Edições Loyola.

FERREIRO, Camila Borges da Silva. “*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*”: leituras de um periódico do século XIX, para uma história social do latim no Brasil. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em <http://www.sepesq2011.ufba.br/>, na aba *Anais*.

FERREIRO, Camila. Para uma história social do latim. In: OLIVEIRA, Raul Oliveira; AMARANTE, Jose; LAGES, Luciene (orgs.). *Anais - I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em www.classicas.ufba.br.

FRANCA, Leonel S.J. (1952). *O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum”*. Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora.

GAMA, A. C. Chichorro da. *Miniaturas biographicas*. Apontamentos de litteratura classica brasileira. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves & Cia; Paris/Lisboa: Aillaud, Alvez & Cia, 1914.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Trad. de Frederico Caroti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm. Acesso em: 12 de maio de 2012.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

LEITÃO, Danniele. *Análise das representações do saber latino nas 25 primeiras páginas com a ocorrência “sabia latim” na ferramenta de busca Google*. Trabalho apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras. Salvador: UFBA/SEPESQ, 2011. Resumo disponível em <http://www.sepesq2011.ufba.br/>, na aba *Anais*.

LEITÃO, Danniele. Análise das representações sobre o escrever latim nas 25 primeiras páginas com a ocorrência “escrevia em latim” na ferramenta de busca do Google. Trabalho apresentado no I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia. In: LAGES, Luciene; AMARANTE, José (orgs.). *I Encontro de Estudos Clássicos da Bahia. Livro de Resumos*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em www.classicas.ufba.br.

MAIA, Clarinda. A consciência da dimensão imperial da Língua na produção linguístico-gramatical portuguesa. In: BRITO, Ana Maria (org.). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2010.

OLIVEIRA, Fernão de [1536]. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática, por A. Torres e C. Assunção. Lisboa: Academia das Ciências, 2000.

RATIO ATQUE INSTITUTIO SOCIETATIS IESU (MDXCVIII). Neapoli: Typ. Tarquinii Longi.

RUDDER, Orlando de. *Cogito ergo sum*. Dicionário comentado de expressões latinas. Trad. Tiago Marques. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção – discursos, práticas, representações, proposta metodológica*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Salvador: UFBA, 2013.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves (1893). *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Segundo Volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

SERAFIM LEITE, S.I. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II (Século XVI – A Obra). Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças gregas e latinas*. 2ª Ed. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VARNHAGEN, F. A. *Florilégio da Poesia Brasileira, ou Collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sôbre as lettras no Brazil*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

VIEIRA, Brunno V. G. e THAMOS, Márcio (orgs). *Permanência Clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana*. São Paulo: Escrituras Editora, 2011. (Coleção Ensaio Transversais)